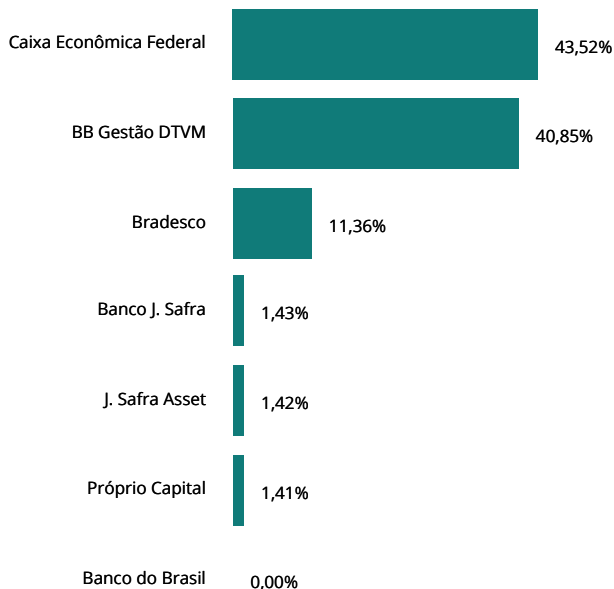


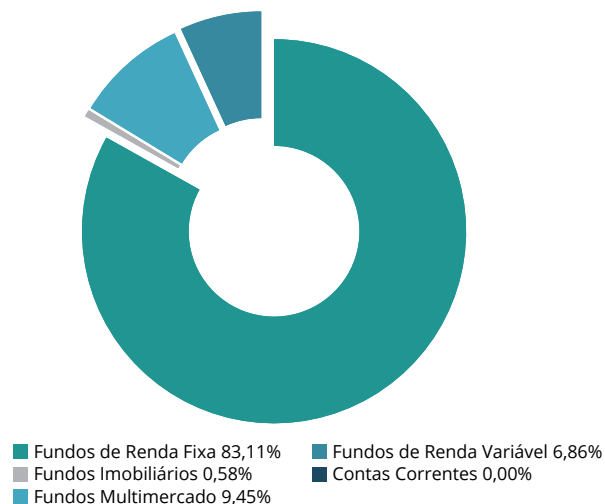
**ANGEPREV**

Os recursos do ANGEPREV são aplicados respeitando os princípios de segurança, legalidade, liquidez e eficiência. A diretoria do RPPS, assessorada pela SMI Consultoria de Investimentos, vem buscando estratégias para que as necessidades atuariais do Instituto sejam alcançadas de acordo com os prazos estabelecidos.

**DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR INSTITUIÇÃO FINANCEIRA**



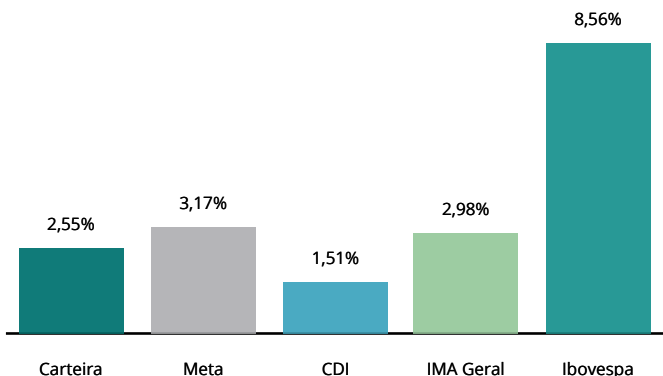
**DISTRIBUIÇÃO DA CARTEIRA POR SEGMENTO**



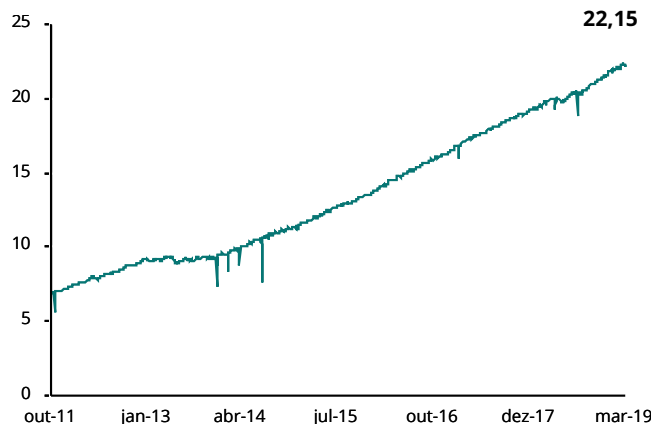
**HISTÓRICO DE RENTABILIDADE**

COMPARATIVO	NO MÊS	NO ANO	EM 12 MESES
<b>ANGEPREV</b>	0,46%	2,55%	8,45%
<b>META ATUARIAL INPC + 6 %</b>	1,26%	3,17%	10,91%
<b>CDI</b>	0,47%	1,51%	6,32%
<b>IMA GERAL</b>	0,56%	2,98%	9,59%
<b>IBOVESPA</b>	-0,18%	8,56%	12,69%

**CARTEIRA X INDICADORES EM 2019**



**EVOLUÇÃO DO PATRIMÔNIO (EM R\$ MILHÕES)**



## ANGEPREV

O mês começou com o Congresso retomando os trabalhos após a pausa para o Carnaval, e com a espera da instalação da Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ). O esperado projeto de lei relacionado à previdência dos militares, essencial para a continuidade do andamento da reforma, foi entregue à casa. Se aprovado conforme o apresentado, o projeto prevê uma economia de R\$ 97,3 bilhões em 10 anos. O problema é que junto com o projeto de lei foi entregue também um programa de reestruturação da carreira militar e, com isso, a economia líquida da reforma para os militares seria de “apenas” R\$ 10,45 bilhões em dez anos. Como é de se imaginar, a proposta foi recebida com cautela pelo congresso, sendo a inclusão dessa proposta o principal ponto de desagrado entre parlamentares. Ao longo do mês também foram escolhidos os presidentes da CCJ e o relator da reforma da previdência, sendo eles Felipe Francischini (PSL-PR) e Marcelo Freitas (PSL-MG), respectivamente.

Ainda sobre o cenário político, o mês foi marcado por uma breve crise política entre o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, e o presidente Jair Bolsonaro. Maia ameaçou deixar a articulação política da Reforma da Previdência, cobrando um maior envolvimento do Planalto na articulação. Bolsonaro, por sua vez, alegou que a responsabilidade sobre a reforma é do congresso. O embate entre os dois, que durou alguns dias, deixou o clima negativo e trouxe volatilidade aos mercados. O descontentamento do executivo com o planalto resultou na aprovação no Congresso da PEC do Orçamento Impositivo. Em pauta desde 2015, a PEC acabou sendo aprovada de maneira rápida por 448 votos à 3. Claramente uma resposta da insatisfação dos políticos com o governo de Jair Bolsonaro, a PEC reduz o poder do executivo no Orçamento Federal dado que o projeto deixa o governo com condições de cortar e remanejar sem justificativa apenas 3% do orçamento, e que aumenta em quase R\$ 4 bilhões o gasto obrigatório com emendas parlamentares.

Também contribuiu para a volatilidade dos mercados, e para a piora do clima no ambiente político, a prisão do ex-presidente Michel Temer. Ele foi preso pela Polícia Federal no âmbito da operação Descontaminação, braço da Lava Jato, que apura irregularidades na EletroNuclear. Temer também foi indiciado pelo Ministério Público Federal por chefiar uma organização criminosa que atua há 40 anos desviando recursos públicos.

Com relação aos indicadores econômicos, eles apresentaram variações diversas no início deste ano, mostrando uma lenta retomada da atividade econômica. Para o mês de janeiro (a defasagem na divulgação desses dados é de dois meses), a produção industrial mostrou variação negativa de 0,7% quando comparada com o mês imediatamente anterior (+0,2%). O índice veio pior do que o valor esperado pelo mercado que previa recuo de 0,4%. Já em comparação com janeiro de 2018, a contração foi de 2,6%. Dos ramos pesquisados, 13 dos 26 mostraram redução na produção de dezembro para janeiro. Entre as atividades, a influência mais negativa e importante foi registrada por produtos farmacêuticos e farmoquímicos (-10,3%). Já do lado positivo, os destaques foram produtos alimentícios (1,5%), bebidas (6,1%) e outros produtos químicos (3,6%).

No comércio varejista a produção aumentou 0,4% em comparação com o mês imediatamente anterior (-2,1%), resultado que veio acima daquele esperado pelo mercado (0,1%). Já no comércio varejista ampliado, que inclui as atividades de Veículos, motos, partes e peças e de Material de Construção, o volume de vendas avançou 1% frente a dezembro de 2018 (-1,7%), também acima das expectativas de mercado (0,1%). No confronto com o mesmo mês do ano anterior, os crescimentos foram de 1,9% e 3,5%, respectivamente. Com relação às atividades pesquisadas, sete das oito apresentaram taxas positivas.

O setor de serviços, por sua vez, apresentou variação negativa de 0,3% frente ao mês imediatamente anterior (1,0%), e abaixo das expectativas de mercado (+1,7%). Em comparação com janeiro de 2019, a variação foi positiva em 2,1%. A ligeira variação negativa (-0,3%) do volume de serviços observada na passagem de dezembro de 2018 para janeiro de 2019 foi acompanhada por apenas duas das cinco atividades de divulgação investigadas. Transportes, serviços auxiliares aos transportes e correio apresentaram queda de 0,6%, enquanto na atividade de serviços de informação e comunicação a queda foi de 0,2%. Já dentre as atividades que apontaram expansão nesse mês, os destaques ficaram com os setores de serviços profissionais, administrativos e complementares (1,7%) e com o setor de outros serviços (4,8%). Cabe citar ainda o avanço vindo dos serviços prestados às famílias (1,1%).

O índice de atividade econômica do Banco Central, IBC-Br, variou -0,41% em relação ao mês anterior (o mercado esperava -0,2%). Em comparação com janeiro de 2018, ocorreu aumento de 0,79%, frente a uma expectativa de 0,3%. Já com relação aos preços, o IGP-M, calculado pela FGV, avançou 1,26% em março, após ter aumentado 0,88% em fevereiro. A expectativa era de aumento de 1,20%. Com esse resultado, o índice acumula alta de 2,16% no ano e de 8,27% nos últimos 12 meses. O IPCA apresentou variação de 0,75%, acima dos 0,43% registrados em fevereiro e da expectativa de 0,61%. Nos últimos 12 meses, o índice subiu para 3,58%, ficando acima dos 3,89% registrados nos 12 meses imediatamente anteriores. Em março de 2018 a taxa foi de 0,09%.

No mercado financeiro, a bolsa fechou março com 91.584 pontos, queda de 0,18% em comparação com o fechamento do mês anterior. O dólar comercial, por sua vez, fechou o mês com alta de 4,62% cotado a R\$ 3,92.

## ANGEPREV

Vale destacar, também, que aconteceu a primeira reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) sob o comando do novo presidente, Roberto Campos. Conforme o esperado, o Copom manteve as taxas de juros inalteradas em 6,5%. Em seu comunicado e em sua ata, o Banco Central mudou o balanço de riscos da inflação de assimétrico para simétrico. Assim, foi apontado que há riscos para a inflação terminar o ano tanto acima, quanto abaixo da meta.

No panorama de inflação abaixo da meta, destaca-se a elevada capacidade ociosa da economia, e a sua lenta recuperação. Também, apesar de o risco de normalização das taxas de juros nos países desenvolvidos ter diminuído, aumentaram os riscos de desaceleração da economia mundial.

Ainda, uma falha na continuidade de andamento das reformas fiscais poderia aumentar as pressões inflacionárias. É importante notar que apensar de um tom mais Dovish, ou seja, um tom mais ameno do comunicado, o comitê reforçou que uma queda de juros no curto prazo é improvável.

Nas palavras do próprio Banco Central: "O Comitê julga importante observar o comportamento da economia brasileira ao longo do tempo, com menor grau de incerteza e livre dos efeitos dos diversos choques a que foi submetida no ano passado. O Copom considera que esta avaliação demanda tempo e não deverá ser concluída a curto prazo". O Comitê ressaltou que a cautela, serenidade e perseverança nas decisões de política monetária têm sido úteis na perseguição de seu objetivo de manter a trajetória da inflação em direção às metas.

Com o apresentado, o nosso cenário básico é de manutenção da taxa básica de juros em 6,5% até o final do ano. A possibilidade de queda da taxa é existente caso a reforma da previdência seja aprovada, e não sejam observados níveis consistentes de retomada da atividade econômica.

No cenário Internacional, o mês terminou com a continuidade das negociações comerciais entre a China e os Estados Unidos. Uma delegação dos Estados Unidos visitou Pequim nos dias 28 e 29 de março, iniciando uma nova rodada de negociações entre os dois países, que deve continuar ao longo do mês de abril.

Ainda sobre os EUA, o Banco Central americano (Fed) manteve a taxa de juros no patamar entre 2,25% e 2,50% em sua última reunião (20/03), conforme o esperado pelo mercado. A surpresa veio do comunicado, no qual o Fed indicou que não pretende elevar as taxas de juros até o final de 2019, diante de sinais de desaceleração da economia global e de outros fatores de preocupação.

A economia norte-americana também teve, no mês de março, a revisão dos dados do PIB para o quarto trimestre de 2018. O resultado foi revisado para 2,2% na comparação com o mesmo trimestre de 2017, abaixo dos 2,6% calculados na versão anterior, e mais baixo do que os 2,3% previstos pelo mercado. A abertura dos indicadores revelou que houve revisão negativa do consumo das famílias e dos investimentos. O país encerrou 2018 com um crescimento de 2,9%.

Na Zona do Euro, as principais incertezas ainda são advindas do Brexit (saída do Reino Unido da União Europeia). Após sucessivas tentativas, a primeira ministra, Theresa May, não conseguiu chegar a um acordo sobre o tema com o Parlamento Britânico. Como consequência, ela foi obrigada a pedir um adiamento do prazo para o país deixar a UE. Os líderes europeus concordaram em conceder à premiê britânica uma curta prorrogação no prazo, marcado inicialmente para 29 de março. Com isso, o mês terminou com o processo sendo estendido até dia 12 de abril, quando os britânicos devem dizer se querem deixar a EU sem acordo ou solicitar uma prorrogação muito maior, talvez até o final do ano.

Na China, foram divulgados diversos indicadores de atividade econômica para o mês de fevereiro. A produção industrial mostrou crescimento de 5,3% no mês, em comparação com o mesmo mês do ano anterior, ficando abaixo do valor registrado em janeiro (6,5%) e da expectativa do mercado (5,6%). Já o investimento fixo avançou 6,1% na mesma base de comparação, acima do registrado no mês anterior (5,9%) e em linha com as expectativas de mercado. Por fim, as vendas no varejo cresceram 8,2%, também abaixo do resultado de janeiro (9,0%) e em linha com o mercado. Como os dados ainda não mostram estabilização da economia, o primeiro ministro prometeu medidas de política monetária para impedir uma desaceleração mais acentuada. Segundo ele, a China pode usar as taxas de compulsório e de juros para sustentar o crescimento econômico.